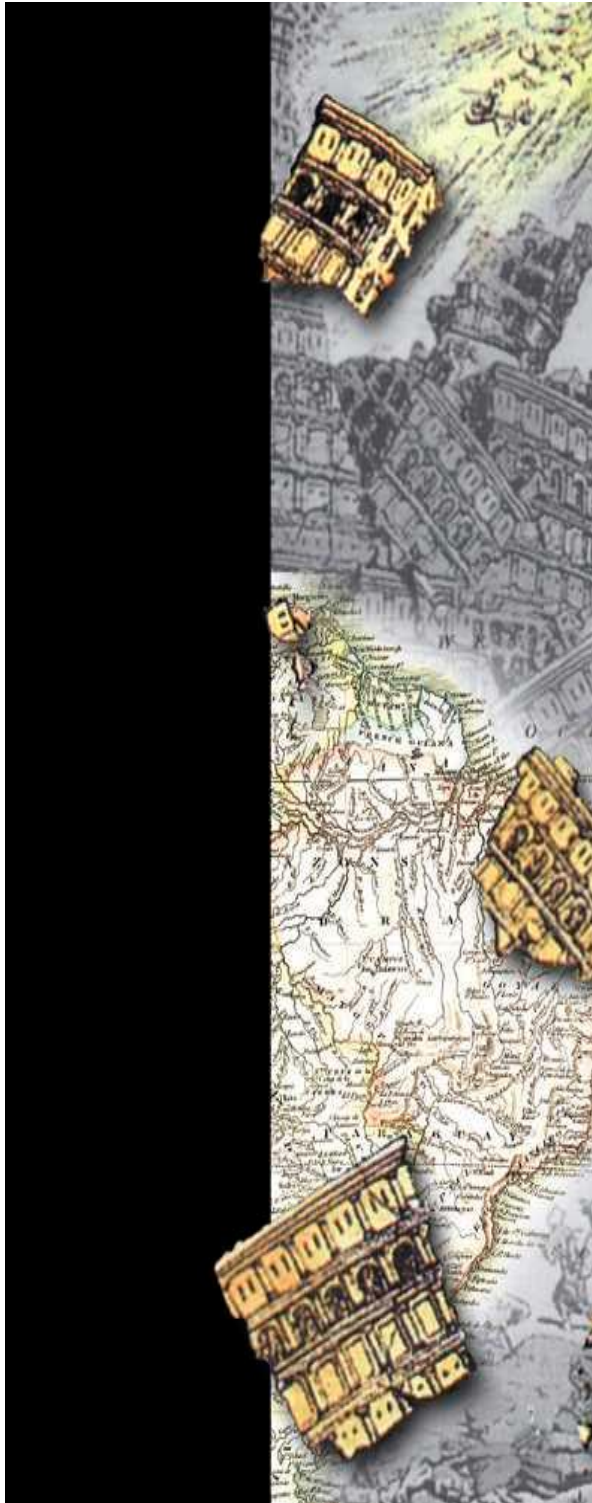


# O CATÁLOGO DE LORENZO HERVÁS, OU A BABEL AMERICANA

Vânia Parada  
Cristina Altman  
CEDOCH-DL/USP-CNPQ



*Para hacer la relación de las lenguas del Paraguay debo internarme en el corazón de la América meridional, en donde se descubre tanta muchedumbre de idiomas, que el lector al observarlas juzgará hallarse en medio de las familias que habitaban en Babel en tiempo de la confusión de las lenguas. (Hervás 1800: 139)*



É na tradição das grandes compilações — tal como inaugurada pelo enciclopedista de Zurique, Conrad Gesner (1514–1565), e pelo professor de Leiden, Joseph Justus Scaliger (1540–1609) — que se insere a monumental obra em vinte e um volumes do jesuíta espanhol Lorenzo Hervás (1735–1809), dos quais os cinco últimos são dedicados ao estudo de cerca de 300 línguas. Publicado em italiano pela primeira vez em 1784 (Cesena: Biasini), o *Catálogo de las Lenguas de las Naciones Conocidas* obteve sua versão espanhola pelas mãos do próprio autor em 1800–1805 (Madrid: Imprenta de la Administration) e é no primeiro volume desta edição, dedicado às *Lenguas e Naciones Americanas*, que se fundamenta a presente análise.

Hervás atribuiu a diversidade lingüística pós-babélica a fatores externos — fenômenos naturais, guerras e comércio — razão pela qual seu trabalho de identificação, enumeração e classificação das nações se erigiu, a um tempo, da comparação entre as formas das línguas que conseguiu amearhar e da história das transmigrações dos povos que as falam. Do ponto de vista interno, a decisão sobre a afinidade ou diversidade das línguas — e conseqüentemente das nações — decorreu de um conjunto de procedimentos empíricos como a “*observación y catejo práctico*” (p. 44) do ‘acento vocal’ (pronúncia), ‘palabras’ e ‘artificio gramatical’ (ordenação sintagmática) das formas sob investigação.

Pesquisa de imagens do séc. XVIII de Vânia Parada.  
Foto-montagem: Hayashi Design.  
Acervo CEDOCH-DL/USP.

Ao elaborar seu método, Hervás estabeleceu uma diferença crucial entre a diversidade resultante da variação dialetal de uma mesma ‘língua matriz’, por ele interpretada como um aperfeiçoamento das formas lingüísticas originais (p. 25), e a diversidade resultante do empréstimo entre línguas diferentes, considerada, neste caso, como corrupção da língua original. A identificação das mudanças que afetaram ao longo do tempo uma mesma forma lingüística, se desta ou daquela ordem, permitiria ao lingüista estabelecer uma relação genética entre línguas nos limites de uma mesma língua matriz — definida como aquela(s) que apresentasse(m) inalteradas sua pronúncia, vocabulário e artifício primitivos.

Assim, mesmo que geográfica e historicamente dispersa, seria possível resgatar a história de uma família lingüística e chegar às suas matrizes, pela recorrência de formas e sentidos nos seus dialetos, como na amostra de vocábulos das línguas Guarani (Paraguai), Tupi (Brasil) e Omágua (Peru) que apresentou (p. 148): ‘marido’ (Esp.), *m* (Guar.), *mēna* (Tupi) e *mena* (Omágua); ‘muger’ (Esp.), *[t]embericó* (Guar.), *[t]enericó* (Tupi), *mereua* (Omágua); *perro* (Esp.), *yagua* (Guar.), *yaguara* (Tupi), *yahuara* (Omágua).

A afinidade de pronúncia, ordem e número de ‘letras’, entretanto, pode ser apenas acidental, como a que apontou entre o Tamanaco (Caribe) e o Kiriri (Brasil) — *carne* (Esp.), *chararí* (Tam.), *cradzó* (Kir), ‘negro’ (Esp.), *kineme* (Tam.) e *kotko* (Kir.), ‘noche’ (Esp.), *kolo* (Tam.) e *kaya* (Kir), (p. 153). Para Hervás, seria preciso verificar, ainda, além da história dos povos que falaram essas línguas, as regras de artifício gramatical, cotejando termo a termo a ordem em que as duas línguas colocam as palavras em uma mesma sentença.



Desse modo, foi a compatibilidade entre as informações lingüísticas, históricas e geográficas colhidas, notadamente entre os jesuítas missionários que viveram nas colônias, que autorizou Hervás a interpretar a afinidade de som e sentido entre o Guarani, o Tupi e o Omágua como genética, isto é, dialetações de uma mesma matriz original, e a afinidade entre as formas do Tamanaco e do Kiriri, como apenas aparente, advindas as duas línguas, como diz, de matrizes ‘diferentíssimas’.



Lorenzo Hervás y Panduro, S.J. (1735 - 1809)